

Pastore renegocia US\$ 43 bi da dívida

Nova Iorque — O presidente do Banco Central do Brasil, Afonso Celso Pastore, reiniciou hoje as negociações para conseguir o refinanciamento de uma parte considerável da dívida externa do Brasil.

Pastore, que voltou ontem à Nova Iorque, depois de uma semana de consultas, disse aos jornalistas: "Vamos começar outra vez", ao que parece, querendo dizer que esta é a terceira etapa de conversações em um mês.

A primeira etapa terminou no dia 28 de dezembro, depois de "discussões positivas", segundo então se disse, e a segunda se estendeu de 3 a 10 de janeiro. Tanto Pastore como o presidente do comitê de bancos e vice-presidente do Citibank, William Rhodes, disseram nessa oportunidade que haviam sido conseguidos progressos substanciais.

No início desta pausa para consultas, Pastore admitiu que um dos problemas pendentes era o da taxa de juros. O Brasil pleiteia uma taxa de risco, ou *spread*, de 7/8 sobre a taxa interbancária de Londres, ou *Libor*.

O Brasil pediu o refinanciamento de seus vencimentos entre 1985 e 1991, que chegam

aproximadamente a 43,5 bilhões de dólares, com um prazo de 16 anos.

Excesso

"Eu não tenho dúvidas de que o volume que está sendo plantado de citros fatalmente irá trazer sérias consequências nos próximos três ou quatro anos para o Brasil. E talvez nem com a geada na Flórida nós conseguiremos escoar a produção excedente de suco". A previsão foi feita em Araraquara, pelo presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Sucos Cítricos, Hans George Kraus. Ele prevê ainda que as recentes geadas na Flórida trarão benefícios somente a curto prazo, e portanto, não devem ser vistas com otimismo pelos citricultores em termos de futuro.

Antes de qualquer tomada de decisão, Kraus disse que está aguardando um levantamento dos reais prejuízos provocados pela geada, mas adianta que é necessário "muita cautela". E justifica que "na geada de 83, que foi a última, se falava que a Flórida levaria pelo menos três anos para recuperar a produção e que nós teríamos, com tranquilidade, três anos de bom mercado pela frente", afirmou.